

Semanário
Director
António Dias Lourenço
Propriedade
Editorial "Avante!"

Avante!

Edição especial
Ano 44 — Série VII — N.º 21
30 de Setembro de 1974

Preço: 2\$50
Angola e Moçambique: 6\$00

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Redacção/Administração - Av. António Serpa, 26-2º Esq. - Tel. 77 22 84 * Impressão e Composição - Sociedade Nacional de Tipografia, S.A.R.L. - Rua de "O Século", 41 a 63 - Lisboa * Distribuição - Distribuidora "O SÉCULO"



A REACÇÃO NÃO PASSOU!

A decidida intervenção do Movimento das Forças Armadas e a acção enérgica das massas populares, a reforçada unidade das forças democráticas cortaram o passo às manobras reacçãoárias e consolidaram o caminho da democracia em Portugal

NOTA

DA COMISSÃO POLÍTICA

A nova tentativa contra-revolucionária desenvolvida em torno da manifestação da chamada «maioria silenciosa» acabou por ser clamorosamente derrotada.

O Partido Comunista Português, o Movimento Democrático Português, a Intersindical e os sindicatos, o MJT, a UEC e outras organizações democráticas desmascararam, desde o início, a operação fascista e tomaram rápidas medidas para combatê-la.

O povo português, em massa, passando a controlar as estradas, em muitos casos em cooperação com forças militares cortou o passo à marcha sobre Lisboa e deitou por terra o plano de uma grande manifestação reacçãoária e provocatória que seria o ponto de partida de um golpe que liquidasse as liberdades e instaurasse uma nova ditadura.

O Movimento das Forças Armadas, passando à ofensiva, procedeu à prisão de destacados elementos fascistas e reacçãoários, desarticulando as suas organizações.

A tentativa de silenciar os órgãos de informação, que tão grande papel desempenharam no combate à ofensiva da reacção, não foi melhor sucedida.

Desarticulada e derrotada a sua monstruosa operação, a reacção teve novamente que recuar. Trata-se de uma grande vitória do movimento popular e do Movimento das Forças Armadas, que permitirá prosseguir em melhores condições a construção de uma ordem democrática.

O fracasso da contra-revolução, só por si, consolida as liberdades e abre melhores perspectivas à realização de uma política democrática.

Da forma, primeiro subtil e camuflada e depois aberta, como foi montada a conspiração fascista e do seu desmantelamento posterior, importa agora tirar conclusões práticas com determinação e urgência com vista a assegurar o prosseguimento normal do processo de democratização e descolonização e da plena realização do Programa do MFA.

A vitória do povo e do MFA tem agora de traduzir-se em medidas efectivas que desencorajem e depois impeçam novas aventuras dos conspiradores reacçãoários que visam, como se viu com meridiana clareza, abrir o caminho à contra-revolução e ao regresso do fascismo.

A vigilância popular, das forças democráticas e do MFA não podem afrouxar. É preciso promulgar medidas capazes de travar o passo à reacção.

Impõe-se, com grande decisão e firmeza, levar a cabo novas medidas efectivas e urgentes de saneamento do aparelho de Estado. O comportamento de certas personalidades exige que não sejam proteladas por mais tempo decisões corajosas.

Urge, por outro lado, apurar com todo o vigor a responsabilidade dos

CONT. NA PÁG. 2

A reacção não passou!

A manobra contra-revolucionária, as ameaças, as arrogâncias, os milhares de contos, os insultos, as provocações, as pistolas, os cartazes, todo esse impressionante arsenal que foi mobilizado para destruir a Democracia, para destruir a liberdade estacou ante um Povo resolutivo e unido.

A reacção não passou!

Não passou porque as Forças Armadas, porque o Movimento das Forças Armadas afirmou, com toda a clareza, que o Programa de 25 de Abril se cumprirá. Soldados e marinheiros, homens do Povo, cumpriram uma vez mais um mandato a que o M. F. A. deu expressão: democratizar Portugal.

A reacção não passou porque o Povo Português forjou as suas organizações políticas e sindicais que, nesta crise como no dia-a-dia do erguer de um País Novo, demonstraram ser a expressão sólida, organizada e decidida da vontade popular.

A reacção não passou porque nestas horas decisivas a unidade entre o Povo e as Forças Armadas,

entre as organizações se libertaram de cinquentas e mais.

A reacção não passou porque Portugal não quis.

A reacção não passou, a reacção não passará.



A UNIDADE DO POVO PORTUGUÊS FOI CONDIÇÃO DECISIVA DA VITÓRIA

«A hora não é para divisões. Os reacçãoários não podem passar!»

Com estas palavras, com este objectivo, as mãos juntaram-se nas barragens que por todo o País se ergueram à marcha com que a reacção jogava a sua cartada.

Unidade foi mais uma vez a palavra de ordem das jornadas que se viveram. Unidade popular, unidade entre todas as forças democráticas, unidade entre o Povo e as Forças Armadas.

Nas acções que decisivamente barraram o passo a quantos tentavam fazer regressar Portugal à repressão e à ditadura, fortaleceu-se a unidade de to-

Desde o início, desde que com maior clareza se revelou a amplitude da manobra reacçãoária, as forças democráticas e populares se manifesta-

ram energeticamente contra a realização do ponto fulcral da acção: a manifestação-burla da «maioria silenciosa». Partidos e organizações ef-

dos os que a têm defendido como condição essencial do triunfo do processo de democratização. Mas fortaleceu-se também a unidade entre quantos por vezes a têm negado ou prejudicado na sua acção concreta.

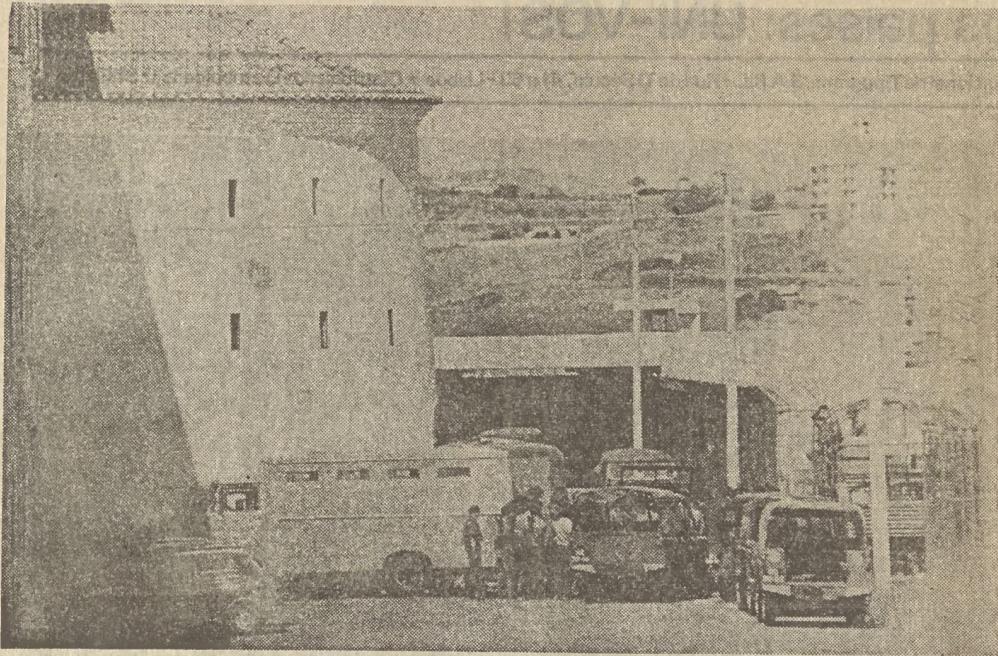
Os comunistas uma vez mais estendem fraternalmente a mão a quantos procuram com eles rasgar os difíceis caminhos da liberdade. Foi com profunda alegria que lado a lado com quantos se ergueram nas horas que atravessámos, os comunistas viram, na acção, reforçada a unidade que uma vez mais demonstrou ser a arma decisiva na luta contra o fascismo.

vicas, sindicatos e associações afirmaram claramente a sua reprobção e a sua apreensão perante a provocação que se desenhava. A medida que os

dias correram, mais concretas essas posições se foram tornando, vindo a culminar

CONT. NA PÁG. 2

PORTUGAL DISSE NÃO AO FASCISMO!



A chegada ao Forte de Caxias de fascistas detidos pelas Forças Armadas

A ORGANIZAÇÃO SINDICAL PROVA A SUA CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

A convocação do ajuntamento reaccionário e fascista, com o pretexto do apoio da alegada «maioria silenciosa» ao Presidente da República, general Spínola, desencadeou, por parte dos sindicatos, comissões pró-sindicais e Intersindical, um amplo movimento de mobilização e vigilância, que, com uma rapidez impressionante, pôs nas ruas amplas massas de trabalhadores, na mais firme disposição de barrar o caminho ao avanço da contra-revolução.

Perfeitamente unânimes na sua adesão às palavras de ordem dos sindicatos, os trabalhadores portugueses contribuíram de forma mais válida, para fazer recuar a ofensiva reaccionária, que chegou a tomar aspectos de grave subversão do processo democrático em construção no nosso País.

Sindicatos como os dos Ferroviários, Gráficos, Motoristas, Aeronavegantes e Pesca, Metalúrgicos, Jogadores Profissionais de Futebol, Químicos, Telecomunicações e Radiodifusão, Marinha Mercante e tantos outros organismos sindicais e pró-sindicais encontraram inclusive, para a convocação dos trabalhadores, formas originais de grande força mobilizadora, como sejam os apelos para a formação de piquetes e brigadas indicando os locais das concentrações populares de vigilância como sendo de confraternização com piquetes, provas de atletismo, etc.

Desde a primeira hora em que se teve conhecimento da projectada manifestação da «maioria silenciosa», fachaçada com que mal se encobria a contra-revolução, os trabalhadores iniciaram uma marcha decidida contra a reacção, da qual dependeu de modo fundamental a vitória alcançada no desmantelamento do atentado à democracia e à vontade popular.

Compreendendo perfeitamente e que estava em jogo nas descaradas provocações e ameaças da «silenciosa», os sindicatos e a massa dos trabalhadores demonstraram elevada consciência política e de classe, não hesitando um segundo na sua adesão total ao processo de desmascaramento e derrota da intentona fascista.

Sem hesitações, as classes trabalhadoras reconheceram nos promotores da manifestação os exploradores, os opressores que, durante 48 anos, sufocaram os seus interesses e aspirações, reconheceram

multos daqueles que, após o 25 de Abril, vêm provocando o caos económico, os despedimentos, as tentativas de divisão dos trabalhadores para travar o processo democrático. Os trabalhadores, através da organização sindical, não tiveram dúvidas em reconhecer os seus inimigos de sempre, os inimigos de classe, os adversários da liberdade.

De Norte a Sul do País, em todos os postos de vigilância, nas barragens, nas ruas, nos esclarecimentos à população, distribuídos estrategicamente os trabalhadores corresponderam em massa aos apelos de unidade, vigilância e organização dos sindicatos e da Intersindical. Mesmo ainda quando não suspeitavam da grandeza da trama encoberta pela manifestação da «maioria silenciosa», os motoristas e os ferroviários, seguindo a palavra de ordem dos seus sindicatos, punham em estado de alerta as suas classes. Dá alerta à acção foi um caminho veloz que as massas populares secundaram firmemente. «Os motoristas não conduzirão as camionetas alugadas com o dinheiro roubado ao Povo». E efectivamente as camionetas não partiram!

«Pelas linhas do nosso caminho-de-ferro o fascismo não passará» e as linhas, em toda a sua extensão, transformaram-se em caminhos de vigilância guardados por ferroviários e população.

Por todas as vias de comunicação que desembocam em Lisboa, a vigilância das classes trabalhadoras e das massas populares, unida à vigilância das Forças Armadas, constituiu uma apertada malha em que se aprisionaram, em larga medida, os tenebrosos desígnios da reacção: armas apreendidas e detenção dos seus portadores revelam bem o carácter destes desígnios! Esse carácter foi, no entanto, prontamente detectado pelos trabalhadores. Em comunicado emitido em 27 de Setembro, a Intersindical, mais uma vez, alertava os trabalhadores, afirmando: «Querem de novo escravizar o povo! A manifestação que prepararam é uma farsa, uma mentira, uma armadilha! É urgente que cada trabalhador defenda com decisão o processo de democratização!».

Pondo imediatamente em prática a actuação correcta, as organizações sindicais contribuíram para provar, mais uma vez, na acção, a grande e lúcida unidade dos trabalhadores, único e verdadeiro caminho pelo qual passa a vitória das forças democráticas.

Ficou também provada, mais uma vez, a grande capacidade de mobilização política dos sindicatos e da Intersindical na prossecução dos objectivos democráticos e verdadeiramente nacionais que passam pelo apoio ao M.F.A. e ao Governo Provisório.

Entre as variadíssimas e correctas posições de vigilância e de combate à reacção conta-se a do Sindicato dos

Jogadores Profissionais de Futebol que, apreensivo com a realização dos encontros Sporting-Guimarães e Belezenenses-Porto, que a reacção pretendia aproveitar na sua campanha oferecendo, gratuitamente, bilhetes de ingresso nos estádios de Alvalade e Restelo, alertou o secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar contra o perigo de se estarem a organizar excursões em diversos pontos do País tendo como destino Lisboa onde a presença nesses jogos (os excursionistas) se integrariam na chamada manifestação da maioria silenciosa. Pedia, assim, aquele Sindicato o adiamento dos jogos, apelando para a neutralização das manobras reaccionárias e para a aliança do Povo com o M. F. A. Entretanto em Guimarães, das 50 camionetas que deviam dirigir-se para Lisboa, apenas uma veio a partir — a que transportava os jogadores do Vitória de Guimarães. Além do Sindicato dos Jogadores de Futebol, outros estavam atentos e entre os mais vigilantes contava-se o dos Motoristas, de todo o País.

Provando a força dos sindicatos e da Intersindical na mobilização das massas populares para cortar o passo à reacção e apoiar o M. F. A. e o Governo Provisório, os organismos sindicais e os trabalhadores demonstraram que a sua unidade e solidariedade não sofrem dano, quando se trata de alcançar objectivos políticos correctos e que fundamentalmente interessam à salvaguarda das

conquistas já alcançadas no caminho da democracia e libertação completa do fascismo.



Nas barragens, os militares foram constantemente alvo de carinho popular

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA

CONT. DA PÁG. 1

organizadores da conspiração contra-revolucionária para não poderem lesar e comprometer os direitos e liberdades alcançadas.

A derrota da tentativa contra-revolucionária da falsa «maioria silenciosa» desarticulou por agora os esforços da reacção, mas seria ilusório pensar que os conspiradores fascistas se vão dar por vencidos e que não voltarão a atentar contra o M.F.A., o Governo Provisório e, de uma forma geral, contra o processo de democratização e descolonização.

A luta contra os manejos da reacção é uma tarefa imperiosa de todos os democratas, de todos os militares progressistas, de todo o povo.

As jornadas que acabamos de viver evidenciaram um elevado espírito unitário das massas populares. De Norte a Sul, portugueses das mais diversas formações políticas souberam superar divergências e diferenças de opinião e enfrentar unidos a ameaça da contra-revolução e do perigo comum.

A garantia da vitória definitiva das forças democráticas é a sua crescente unidade, é o reforço e o alargamento do movimento popular de massas, é a aliança cada vez mais sólida com o M.F.A.

29 de Setembro de 1974.

A COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

COMUNICADO

1. A manifestação contra-revolucionária anunciada para o dia 28 saldou-se por uma nova e brilhante vitória das forças democráticas e do Movimento das Forças Armadas. De norte a sul do País, as massas populares, vigilantes, firmes e corajosas, cortaram o caminho à reacção e, aliadas aos militares, conduziram ao fracasso a grande manobra que, no seu desenvolvimento, visava a liquidação das liberdades e

a instauração de uma nova ditadura.

2. O Comité Central do Partido Comunista Português felicita, vivamente, todas as organizações e membros do Partido que tomaram nas suas mãos a iniciativa da luta para impedir a manifestação contra-revolucionária. O Comité Central envolve nesta saudação o Movimento Democrático Português e outras organizações democráticas, numerosos sindicatos,

os militares e os meios de Informação que tiveram destacada participação nesta grande acção nacional de massas, assim como todos aqueles que, dedicada e valentemente, nela colaboraram.

O Povo Português de novo se irmanou unido numa grande batalha pela liberdade. A vitória alcançada reforça as bases de unidade para as futuras batalhas que nos esperam até às eleições para a As-

sembleia Constituinte e a criação de um regime escolhido pelo próprio povo.

3. As massas populares deram nova demonstração da sua consciência política, combatividade, firmeza e espírito organizativo e criador. O estabelecimento de barragens nas estradas e a sua grande eficiência, assim como as manifestações que logo se sucederam constituem uma afirmação da força das massas, quando organizadas. Esta grande jornada encerra numerosos e ricos ensinamentos de extraordinária utilidade para a luta futura.

4. É completamente justo que as forças democráticas e o Povo Português se sintam fortalecidos com esta vitória, assim como a acção empreendida pelo Movimento das Forças Armadas que conduziu ao desmantelamento da rede fascista contra-revolucionária e à prisão de alguns responsáveis. Seria, porém, errado considerar que esta vitória afasta completa e definitivamente a ameaça da reacção. Esta continua sendo poderosa e dispõe de grandes meios e de fortes protecções. Se não se aprofunda a vitória, não passará muito tempo que não volte à ofensiva.

É necessário continuar o saneamento, levar a cabo a anunciada reorganização das forças militarizadas, manter bem viva a vigilância, proibir a actividade de partidos e organizações fascistas, descobrir e desarticular as organizações contra-revolucionárias clandestinas e punir os seus responsáveis.

Sustendo a ofensiva contra-revolucionária, o povo passou, por sua vez, à ofensiva. É necessário prosseguir a com vistas à consolidação da democracia e ao prosseguimento da descolonização. A unidade da classe operária, a acção comum das massas populares, a estreita cooperação das forças democráticas, a aliança do movimento popular com o Movimento das Forças Armadas — são condição e garantia da vitória final da democracia e da paz no nosso País.

28 de Setembro de 1974

A Comissão Política do Comité Central do

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A UNIDADE DO POVO PORTUGUÊS FOI CONDIÇÃO DECISIVA DA VITÓRIA

CONT. DA PÁG. 1

com a decisiva acção de cortar a circulação aos veículos alugados para trazer à capital os mercenários a soldo dos sinistros organizadores.

Organizações que por vezes têm combatido a política de unidade, que por vezes têm merecido a desaprovação das forças democráticas, por iniciativas que têm prejudicado a consolidação das liberdades, vieram dar o seu contributo a tarefas de que dependia a sobrevivência do novo Portugal.

Outras organizações viram as suas reservas, os seus problemas políticos, ultrapassados pelos seus próprios militantes que claramente com-

preenderam que a hora era de unidade e de acção.

Estruturas unitárias como o Movimento Democrático Português assumiram papéis decisivos, numa clara demonstração de força e capacidade de mobilização. A sua acção se deveu a algumas das mais importantes iniciativas. E cumpre salientar que, se a importância do seu contributo em muito se deve à clara compreensão dos factos, à correcta análise feita e à sua capacidade de iniciativa, deve-se igualmente às suas características largamente unitárias; à grande audiência que o seu empenhamento na construção da democracia lhe granjeou entre largas camadas do povo que sempre responderam aos programas de construção e de defesa de um Portugal livre e próspero.

A poderosa resposta dada pelos sindicatos evidenciou, por seu lado, a importância decisiva para a vida dos trabalhadores da unidade das suas organizações sindicais, da real implantação das direcções nas massas, do decidido apoio dos trabalhadores. Em alturas de crise como a que atravessámos, ou em alturas de defesa sempre intransigente dos direitos dos trabalhadores, dividir os sindicatos é trair os trabalhadores e o povo. E dentro dos seus sindicatos, que quantos trabalham têm de decidir as orientações a seguir, é no reforço da aliança entre as organizações sindicais, na sua estruturação e consolidação, que reside a grande força dos trabalhadores.

A unidade dos sindicatos e a existência da Intersindical foram uma peça fundamental da poderosa barreira que as massas ergueram à reacção.

A colaboração entre as Forças Armadas e os populares nas barragens e nas ruas, a forma entusiástica e calorosa como soldados e marinheiros foram vitoriosos à sua chegada aos pontos nevralgicos que a decidida acção do M. F. A. fez ocupar, a forma como as indicações dos responsáveis militares foram acatadas, constituíram também uma impressionan-

te expressão da unidade entre o povo e as F. A. Na tarefa prática de vistoriar um carro, no «viva» dado à passagem de uma viatura militar, nas bebidas e alimentos que milhares de pessoas levaram a quantos defendiam as estradas se expressou, se defendeu, se avançou na consciência popular das grandes orientações políticas da construção de um Portugal novo.

Foi nesta unidade, foi na força desta unidade que a reacção quebrou os dentes! E os comunistas, na primeira linha desde sempre no combate pela liberdade afirmam: Companheiros, a unidade é necessária para a defesa da democracia, mas a unidade é necessária também para a sua construção.

O Povo Português pode assumir hoje consciência mais clara de quanto podem ter contribuído para o desencaixar da ofensiva reaccionária algumas acções isoladas, desencadeadas por grupos que negam o papel decisivo do debate unitário, de trabalho unitário. A ameaça fascista cresce com a divisão dos democratas. E cresce não só porque a divisão enfraquece a capacidade de resposta das forças que defendem a liberdade mas também porque priva as massas populares das enriquecedoras trocas de experiências das suas organizações, das decisivas acções em conjunto planeadas em conjunto executadas.

As lições tiradas neste fim-de-semana de consolidação da democracia não podem ser esquecidas.

É necessário consolidar todas as vitórias obtidas nestas jornadas. E entre essas vitórias inclui-se o decidido passo em frente no esforço unitário dos democratas, das Forças Armadas, do Povo.

Há que fortalecer todas as estruturas unitárias. Há que revigorar a cooperação entre todas as forças democráticas. Há que decididamente reforçar a unidade do Povo com as Forças Armadas. Há que vigorosamente reforçar a unidade das forças democráticas com o Movimento das Forças Armadas.

Há que escrever na terra portuguesa.

UNIDADE, CAMINHO DA VITÓRIA!



Prisioneiros transportados em camiões militares

ASSINA O "AVANTE!"

UNIDADE, CAMINHO DA VITÓRIA!

NO NORTE DO PAÍS

O POVO E AS FORÇAS ARMADAS COLABORARAM NO DESMANTELAMENTO DA CONSPIRAÇÃO REACCIONÁRIA

• 100 000 PESSOAS NUMA MANIFESTAÇÃO

A noite de 27 de Setembro ficará célebre na história do Porto. Como outros grandes dias e outras grandes noites de luta do povo da Cidade Invicta.

Viana, Braga, Coimbra, Viseu, Chaves, Póvoa, Vila do Conde, comecaram igualmente o real significado da consciência das massas populares, aptas aos grandes sacrifícios de uma dura luta contra a reacção.

mente todos aqueles que se dispunham a ser companheiros do golpe que a reacção preparava. Desse total apenas duas camionetas tentaram passar o «contrôle» popular estabelecido nas barragens. Mas enganaram-se. A tentativa resultou inútil apesar do ardil.

As barragens erguidas em Póvoa de Varzim e Vila do Conde evitaram que várias camionetas partissem.

a Lisboa, em cooperação com as Forças Armadas, logo que tomaram conhecimento que deviam partir camionetas de Braga para com destino à capital.

As massas populares e os antifascistas de Viseu agiram igualmente com pleno sentido da gravidade do momento. Montaram barragens nas estradas para Lisboa. O mesmo na Mealhada e em Vila Nova de Poiares.

No vale do Vouga a acção do povo e dos democratas levou à desmobilização de camionetas que estavam prontas para partir.

Houve barragens na Guarda e noutros pontos. Em Chaves, o P.C.P., o P.S. e o M.D.P. tomaram medidas de vigilância para evitar a utilização da fronteira.

A acção popular permitiu detectar a colaboração estabelecida com certos partidos ditos democráticos ou liberais na concretização dos planos que tinham sido pormenorizadamente elaborados pelas forças reaccionárias.

Cem mil pessoas numa manifestação de regozijo

pela vitória alcançada

No Porto, a madrugada de 27 de Setembro foi marcada com as primeiras manifestações de entusiasmo popular. Eram repetidos os apelos ao povo para que acordasse e tomasse consciência dos perigos. De instante a instante, no silêncio da madrugada reboavam as palavras de ordem contra a reacção. «O fascismo não passará», gritavam os manifestantes. Em plena Praça da Liberdade novos apelos se fizeram ouvir, convocando o povo do Porto para uma concentração de massas, à tarde, na Avenida dos Aliados.

Os PCP, PS e MDP uniram-se, mais uma vez, para chamar as massas populares à grande manifestação de apoio às Forças Armadas.

Da Arcoia, de Campolindo Senhora da Hora, de Matosinhos, dos bairros popula-

res do Porto, das localidades circunvizinhas, saiu a multidão que encheu a vasta Praça da Liberdade e subiu até ao alto da Avenida dos Aliados, onde foi erguida uma tribuna com aparelhagem de som.

O entusiasmo era indiscutível. Ritmavam-se as palavras de ordem com uma força traduzida em rostos de traços bem vinculados de firmeza e alegria: «Não à reacção, fascistas na prisão»; «MFA — Unidade Popular»; «Fascista, escuta, o povo está em luta»; «A Vitória é difícil, mas é nossa» e outras palavras de ordem eram repetidas em vagas sucessivas e seguiam-se muitas vezes aos vibrantes aplausos com que sublinhavam várias passagens dos discursos dos oradores.

Bandeiras nacionais, bandeiras vermelhas, cartazes com palavras de ordem erguiam-se por cima de um mar de cabeças e eram uma nova e poderosa afirmação de vitória. «O fascismo não passará»; «O Povo do Porto diz não ao fascismo», estava escrito em dois dísticos seguros por mãos juvenis.

Foram oradores deste comício histórico, José Luís Nunes, do PS, Nozes Pires do MDP e Carlos Costa do CC do PCP, que foram aplaudidos com grande entusiasmo. A leitura dos nomes dos fascistas detidos elevou ao rubro a vibração popular. Foi um momento inesquecível, que traduziu claramente o repúdio do povo à conspiração sinistra, montada com a conivência de falsos democratas e de partidos reaccionários, para servir uma causa das mais odiadas. Foi um momento inesquecível que traduziu a alegria de se ter salvo uma vez mais o fruto de um labor tenaz, construindo na noite fascista pela luta constante dos democratas e do povo e que alvoreceu na ponta das baionetas e dos canhões dos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais, na madrugada histórica do 25 de Abril.

DISSE O PCP:

Face à actual situação, o Partido Comunista Português considera indispensável a intensificação da vigilância e a acção pronta das massas trabalhadoras e de todos os democratas e antifascistas interessados e empenhados no processo de democratização e de descolonização iniciado com o 25 de Abril para fazer frente com êxito a mais esta ofensiva da reacção. O PCP considera indispensável a unidade e entendimento de todos os partidos e organizações democráticas na definição e organização de acções comuns na luta contra as manobras e conspirações da reacção e do fascismo. O PCP considera indispensável que seja dado todo o apoio ao Governo Provisório e ao MFA na adopção das medidas de saneamento da Administração Pública e das instituições governamentais onde continuam, com grande escândalo, anichadas conhecidas figuras fascistas fortemente comprometidas com o regime deposedo.

O Partido Comunista Português está confiante em que mais uma vez a acção unida das organizações políticas antifascistas, assim como a acção das massas populares em estreita aliança com o MFA, no apoio ao Governo Provisório na luta contra as manobras da reacção, farão avançar o processo de democratização que conduzirá à instauração de uma democracia estável escolhida pelo próprio Povo Português.

Lisboa, 24 de Setembro de 1974

A COMISSÃO POLÍTICA DO CC DO PCP



Na Portela de Sacavém, juntou-se muita gente que nunca arredou pé

AS PORTAS DE LISBOA FECHARAM-SE À REACÇÃO

Perante a determinação do pequeno grupo de reaccionários auto-instituído em «maioria silenciosa» em levar por diante a sua anunciada e meticulosamente montada manifestação, julgando poder aproveitar-se da deformação política instalada em alguns portugueses por 48 anos de fascismo, a esmagadora maioria do povo português soube encontrar a resposta justa. Um dos exemplos mais significativos da pronta reacção popular às arremetidas dos fascistas nostálgicos do passado foi a montagem, por esse País fora, em dezenas e dezenas de estradas e cruzamentos estratégicos, de grandes barragens populares, em estreita colaboração com as forças militares enviadas para os locais.

A firme e esforçada vigilância das massas populares e das forças militares permitiu detectar e apreender inúmeros instrumentos de agressão desde as sofisticadas metralhadoras aos simples cacetes, transportados para Lisboa por «manifestantes» cujos intuitos «democráticos» facilmente se adivinham. Os carros paravam e eram meticulosamente revistados, devendo registar-se a franca cooperação dos próprios automobilistas, bem cientes das finalidades em vista pela operação de vigilância.

Ao mesmo tempo, o ambiente vivido nos locais onde as barragens estavam montadas era como que um símbolo da identidade de interesses e da necessária aliança entre as massas populares e as forças armadas, de

através das barragens mas também com manifestações contra a reacção.

Em Grândola, por exemplo, na manhã do dia 28 a população veio para a rua. O comércio e a indústria fecharam e foram formadas barragens populares, nas estradas onde se concentravam milhares de pessoas que revistaram sistematicamente todos os veículos que por ali passavam. Durante a manhã, naquela vila, realizou-se também uma manifestação de rua.

Em Alcácer do Sal, as barragens dos populares começaram a funcionar logo às três horas da madrugada do dia 28, com a participação activa da GNR, e ao princípio da tarde começaram a afuir milhares de pessoas das freguesias rurais. Nas aldeias vizinhas foram as próprias populações que montaram a vigilância impedindo a saída de qualquer veículo para a projectada manifestação fascista. Ao mesmo tempo a vigilância popular detectou uma reunião da reacção em que, dos numerosos latifundiários presentes, foi possível localizar certas conhecidas figuras ligadas ao regime fascista.

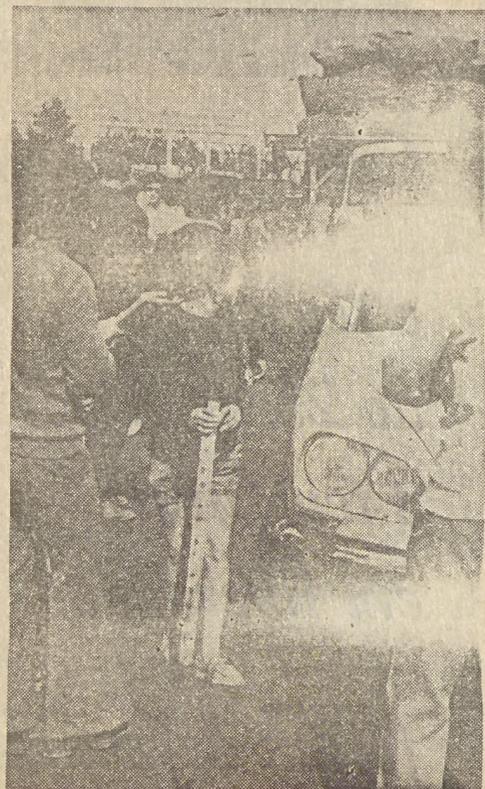
A população na rua e o comércio e a indústria encerradas era o panorama que apresentava a vila de Sines no sábado passado. No entanto, o patronato italiano da Condote (firma que trabalha no complexo de Sines) ofereceu resistência acabando por ceder quando milhares de pessoas se dirigiram aos serviços de administração. Durante a tarde, uma manifestação da grande maioria da população aprovou uma moção condenando a «chamada manifestação silenciosa», considerada como «uma manobra camuflada da reacção para perturbar a vida pacífica e a ordem democrática existente no País.»

Entretanto, para além das barragens populares que praticamente se verificaram em todos os pontos principais do Sul do País, sucederam-se as manifestações de repúdio à reacção, como em Pias, onde duas mil pessoas vieram para a rua, e em Aljustrel com uma concentração de cinco mil manifestantes. A vigilância popular manifestou-se de Norte a Sul do País.

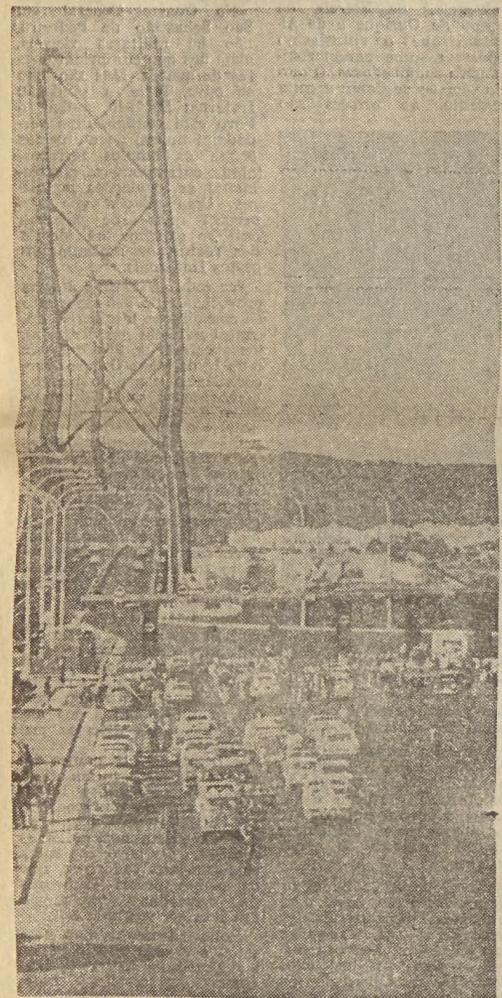
através das barragens mas também com manifestações contra a reacção.

Em Grândola, por exemplo, na manhã do dia 28 a população veio para a rua. O comércio e a indústria fecharam e foram formadas barragens populares, nas estradas onde se concentravam milhares de pessoas que revistaram sistematicamente todos os veículos que por ali passavam. Durante a manhã, naquela vila, realizou-se também uma manifestação de rua.

Em Alcácer do Sal, as barragens dos populares começaram a funcionar logo às três horas da madrugada do dia 28, com a participação activa da GNR, e ao princípio da tarde começaram a afuir milhares de pessoas das freguesias rurais. Nas aldeias vizinhas foram as próprias populações que montaram a vigilância impedindo a saída de qualquer veículo para a projectada manifestação fascista. Ao mesmo tempo a vigilância popular detectou uma reunião da reacção em que, dos numerosos latifundiários presentes, foi possível localizar certas conhecidas figuras ligadas ao regime fascista.



Flagrante de uma barragem



A barragem popular e militar junto à portagem da ponte sobre o Tejo

Em pontos neurálgicos das estradas do Norte, o povo manteve a vigilância que desmontou a conspiração fascista. Contou com a cooperação das Forças Armadas, seus aliados neste generoso combate pela Liberdade e a Democracia.

Comunistas, socialistas, católicos, jovens estudantes e jovens trabalhadores encontraram-se lado a lado, em perfeita unidade.

As forças democráticas do Norte — PCP, PS, MDP, MDM, Intersindical, União dos Sindicatos do Norte, comissão sindical dos Metalúrgicos, Sindicatos dos Motoristas, dos Ferroviários e outras organizações antifascistas — dirigiram prementes apelos aos trabalhadores, ao povo, aos antifascistas do Norte do país, para que montassem a vigilância de massas e em estreita aliança com o MFA batessem a reacção e destruíssem o plano elaborado para o dia 28 de Setembro.

As massas populares acorrem às barragens nas estradas

Foram inúmeros os pontos de vigilância popular, para evitar a marcha das forças reaccionárias sobre Lisboa, para a grande manifestação de massa tenebrosa.

Em Grândola, as barragens na ponte da Arrábida, no tabuleiro superior e inferior da Ponte D. Luís, em Entre-os-Rios em Gaia, na estrada de Espinho.

Do Norte do País, além Douro, estava projectada a saída de 550 camionetas, que deviam transportar gratuita-



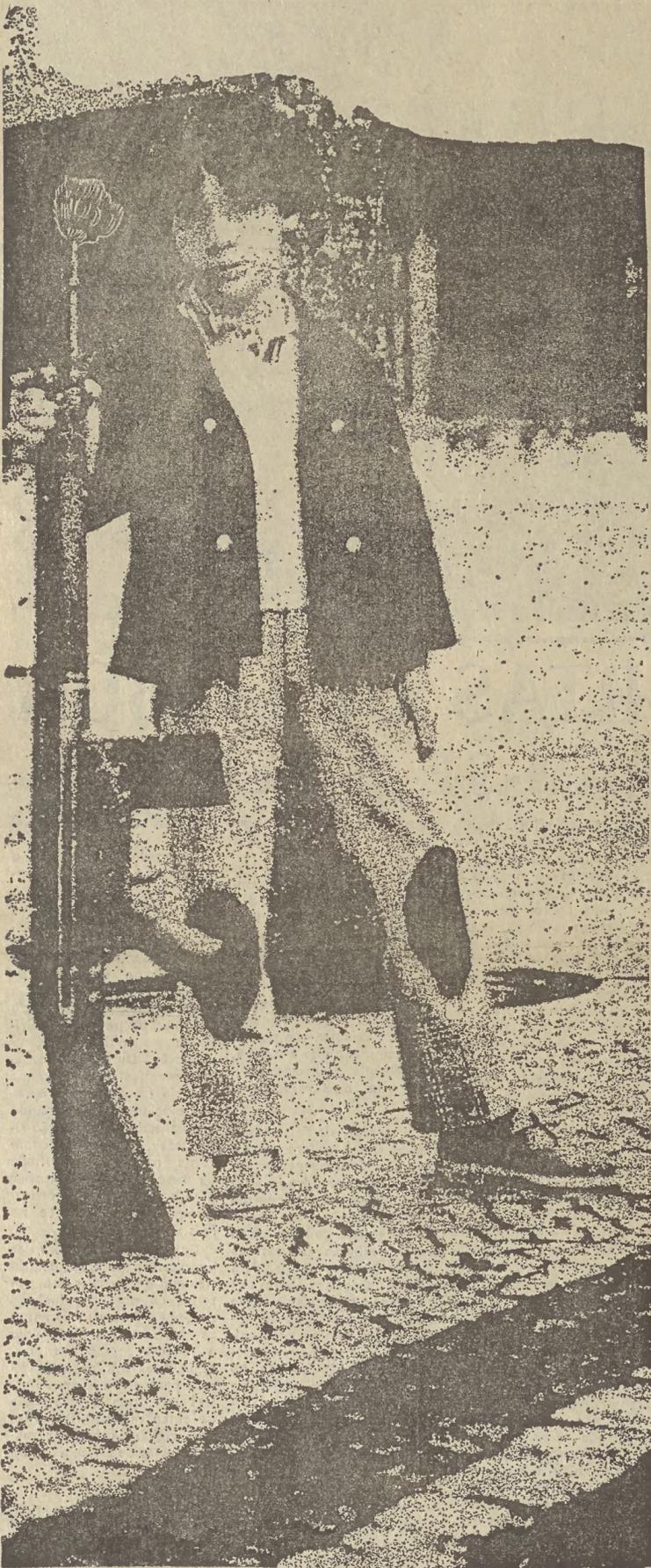
Populares e soldados passando minuciosa busca aos veículos

A vigilância no Sul

Também no Sul do País a vigilância popular se manifestou amplamente, não só

O POVO UNIDO NÃO FOI VENCIDO!

SOLDADO AMIGO O POVO ESTÁ CONTIGO -grito emocionado e uníssono nas ruas da capital



Praça do Império, 15 horas. Um nome já desactualizado pela história e um imenso espaço vazio. É a radiografia da derrota da minoria sediciosa. A praça está deserta e os seus ciprestes esguios parecem ainda mais fúnebres e tristes do que habitualmente. São uma imagem da tristeza que enche os corações da reacção. A grande «manifestação» com que sonhavam os saudosistas da opressão e da violência, não chegou a sair para as ruas. Morreu na casa do ovo. A grande provocação não passou. Em vez das ululantes multidões imaginadas pela direita fascista e que simbolizariam a presença da auto-intitulada «maioria silenciosa» no terreiro imperial, concebido pela megalomania salazarista, há apenas pessoas idosas que descansam das fadigas da semana. E o silêncio, o silêncio que recorda a derrota infligida aos provocadores arrogantes, aos fascistas, aos colonialistas, a todos os inimigos da democracia pelo povo de Portugal. Uma vez mais não passaram. Foram contidos pela mobilização popular, pela solidez da aliança entre as massas e o Movimento das Forças Armadas, pela resposta imediata, corajosa, empolgante de uma Nação voltada para a construção do futuro e que não se deixa iludir pelas táticas hipócritas do fascismo.

A poucas centenas de metros, na Praça Afonso de Albuquerque, junto ao Palácio de Belém, o quadro é outro. Há centenas de pessoas nos passeios. Discutem com entusiasmo os acontecimentos do dia, comentam o que viram pelas barricadas de trabalhadores, trocam informações, formulam perguntas de difícil resposta. Cada um conta a sua experiência num dia tão rico de emoções. Sente-se que todos, em maior ou menor escala, sem excluir os moradores do bairro, estão orgulhosos da sua participação pessoal, que todos perceberam o que estava em jogo e manifestam a sua euforia pela derrota da intentona fascista.

Não há aparato militar. Nos terraços do palácio, pára-quadistas conversam descontraindo, a maioria sem armas. A atmosfera é de tranquilidade, de comunicação. Um pequeno grupo de civis, encostado às grades do portão principal, fala com um soldado que se apoia na guarita. Tudo é povo.

«Se não fosse o povo, se não fossem as Forças Armadas, isto já tinha dado a volta. Mas estão enganados os que pensam que isso será possível». A opinião é de um jovem que passou a noite na barricada de Carriche. Tem audição. Até polícias. «Eu estive em Angola como furiel», diz. — «Os fascistas não conhecem o estado de espírito dos homens que fizeram o 25 de Abril. Julgam que o nosso Exército é igual a outro qualquer. E não é. Os nossos oficiais, os nossos soldados fizeram a guerra, sabem o que é a violência, o que é matar e morrer ao serviço de uma engenhagem monstruosa. O militar profissional costuma preparar-se a vida inteira para uma guerra que nunca chega. Com os nossos é diferente. Ficaram vacinados contra brutalidades gratuitas. A guerra aproximou-os do povo, voltou-os contra os exploradores e os inimigos do povo. Mas a reacção, além de criminosa é estúpida. Não entende que as armas apontam agora para outro lado. Nas barricadas só vi respeito e compreensão dos oficiais e soldados pelos trabalhadores. Estavam nos olhos e nas palavras.»

Entra e sai gente do palácio. E as conversas prosseguem, os grupos não se desfazem. Há vida e confiança no largo fronteiro. Mas apenas silêncio na vastidão desértica da Praça do Império.

Soldado amigo...

Onze da manhã. Uma brigada de esclarecimento do P. C. P. percorre a cidade. Segue numa camioneta apinhada de gente jovem. Missão: difundir pelas ruas a notícia de que a tentativa de golpe fora derrotada e apelar para a vigilância popular

ante uma possível contra-ofensiva da reacção. No momento era ainda necessário reforçar as barricadas, impedir gestos de desespero da camarilha fascista envolvida na conspiração reaccionária. Empunhando um megafone, um camarada anuncia que as Forças Armadas já efectuaram numerosas prisões e que outras estão sendo realizadas. A reacção não passará! gritam em coro os jovens militantes. Pela Avenida da República, a caminho da Rotunda, ao longo da Avenida da Liberdade, o povo ouve e repete: A reacção não passará! Quando a camioneta pára, o que acontece a cada momento, gente de todas as idades, das mais diferentes camadas sociais aproxima-se, e pede o único panfleto que está sendo distribuído. Em

reacção! Há aplausos, gritos de incentivo. Gente moça sobe para a camioneta onde não cabe mais ninguém. Atenção à reacção. Vigilância popular. Cada vez que o nome do MFA é citado, o concerto de buzinas sobe de tom, torna-se mais estridente, acompanha em cadência as três letras.

No Terreiro do Paço, a volta à praça é lenta. Os panfletos voam às centenas, são disputados, lidos, comentados. No Ministério da Justiça, o ministro Salgado Zenha aparece à janela, sorridente, saudando a brigada, ergue o braço em gesto de vitória.

No Ministério do Exército, dezenas de oficiais acompanham sorridentes a passagem do cortejo. Alguém — é a criatividade do povo — grita: Soldado amigo, o povo está con-

córdia o cortejo avança lentamente entre aplausos. A reacção da «República» vem para as janelas aplaudir, participar da alegria popular. Em São Pedro de Alcântara, em frente da sede do Partido Socialista, ocorre o mesmo. A reacção não passará! E a unidade, a verdadeira unidade que se forja na luta.

Mais adiante, uma pessoa sorridente atravessa a rua para pedir um panfleto. E Ribeiro dos Santos, director do «Diário de Notícias». Afasta-se depois, acena com o braço.

Mas é sobretudo nas zonas residenciais da Estrela, de Campo de Ourique e de Alcântara que o entusiasmo popular assume características mais comovedoras. O cortejo tem de se deter a cada momento. As prisões são

operária, a brigada tem uma acolhida apoteótica. Dezenas de mulheres, do alto da muralha, não se cansam de aplaudir, participando com sugestões, com palavras de estímulo. «E assim mesmos», dizem. A reacção não pode passar e não passará. Malditos. E preciso ir para as barricadas. Muito bem.

O regresso é idêntico. Mais lento, com mais aplausos ainda, com uma participação entusiástica do povo que se aglomerava para ver passar o cortejo que, em dado momento, tem mais de setenta carros.

No Quartel-General em São Sebastião da Pedreira, não há militares visíveis, além dos que cumpriam tarefas de guarda. Mas tão logo se ouve, forte, a saudação fraterna: Soldado, amigo, o Povo está contigo, uma verdadeira nuvem de uniformes ocupa os amplos terraços, para corresponder efusivamente às saudações populares. Uma aliança que não precisa quase de palavras pois se exprime na alegria dos rostos, na amizade dos gestos fraternais.

Por toda a cidade a alegria provocada pelo esmagamento da conspiração fascista só encontra paralelo nas jornadas inesquecíveis do 25 de Abril e do 1.º de Maio. O povo teve consciência plena do perigo, compreendeu que o inimigo tinha de sofrer uma derrota total e que isso só era possível se o esforço colectivo fosse o resultante de uma irresistível mobilização popular em defesa das conquistas democráticas já realizadas. E compreendeu também, talvez melhor do que nunca, a importância da aliança entre as massas e as Forças Armadas, entre as forças autenticamente populares e o MFA.

Não é de estranhar assim que, horas depois de ser divulgado o primeiro comunicado tranquilizador do MFA, milhares de populares permanecessem no centro da cidade, manifestando a sua alegria das mais diversas maneiras.

As listas com os nomes dos fascistas presos foram afixadas no monumento a D. Pedro IV, no Rossio e modificadas várias vezes, à medida que chegavam notícias mais precisas. O povo aplaudia ruidosamente cada vez que os nomes desses elementos da camarilha reaccionária era lido em voz alta.

Noite adentro Lisboa festejou a grande vitória popular alcançada contra o fascismo. Uma certeza é hoje mais forte do que ontem. As vitórias alcançadas são irreversíveis. Como patrioticamente salienta o MFA, «o destino do País não será de cedido nas costas do povo português».



Na sede do chamado Partido Liberal foram apreendidos milhares de cartazes reaccionários

fundo colorido, as mesmas três palavras: Não à reacção! Em cima o rosto hediondo do cartaz da «maioria silenciosa» com a boca tapada por uma cruz suástica. Sob os braços abertos, Caetano e Tomás, também com cruces gamadas, e armados com matracas da P. I. D. E. e da Legião.

Nos Restauradores e no Rossio há muita gente. E os aplausos explodem espontâneos, quentes. O coro é mais forte. São centenas de pessoas que repetem, sentem uma palavra de ordem: Unidade do povo com o MFA. Na Rua do Ouro, com o trânsito pesado, dezenas de automóveis formam cortejo, seguem a brigada. O eco é forte, transforma-se em clamor. O povo diz não, diz não à

tigo! Toda a brigada repete, os transeuntes repetem, cabeças e braços saem dos carros, há mãos no ar, desenhando o «V» da vitória. Uma, duas, três vezes, com alegria, centenas de pessoas gritam, ou mais exactamente, cantam de maneira cadenciada: Soldado, amigo, o povo está contigo! Das janelas do Ministério descem sorrisos, acenos que traduzem a fraternidade, a força profunda da aliança que nasceu no 25 de Abril e se fortalece mais e mais na manhã luminosa do 28 de Setembro. A minoria sediciosa atingiu um objectivo improvisto: aproximou o povo das Forças Armadas para além de tudo o que se afigurava possível aos fascistas.

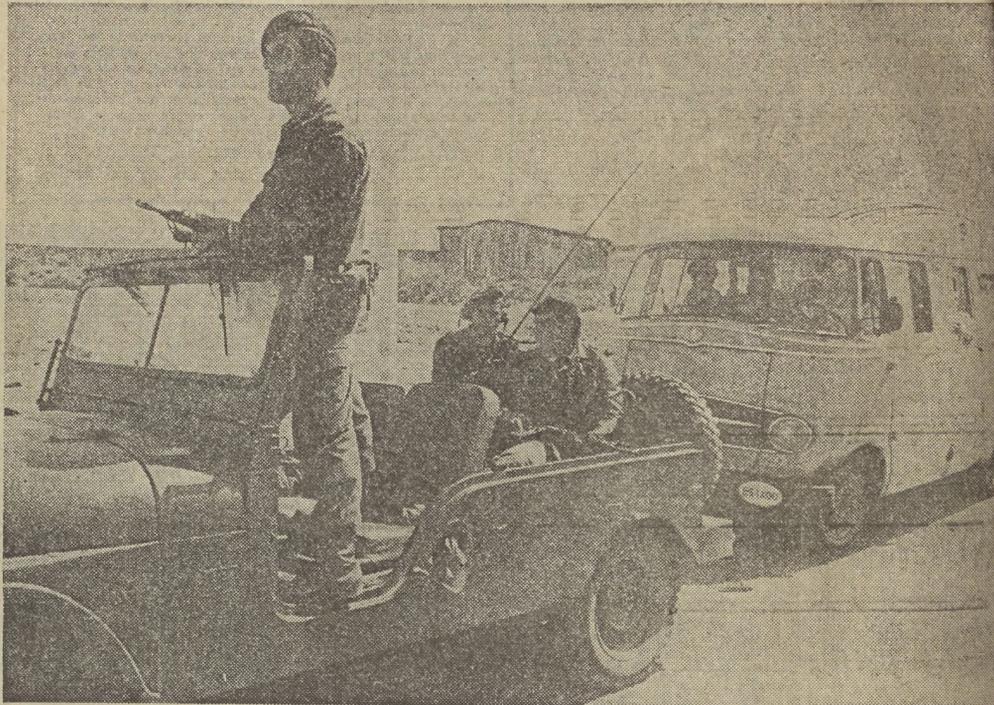
Na Rua do Alecrim, no Chiado na Rua da Miseri-

anunciadas, os apelos à vigilância feitos entre ovações.

Quando a brigada, através da Rádio, toma conhecimento da proibição oficial da manifestação fascista e informa o povo a camioneta é rodeada, chovem perguntas, abraços, palavras de apoio caloroso.

Lisboa desperta do temor de um pesadelo para uma jornada de confraternização democrática, de alegria transbordante. Fascista escuta, o povo está em luta! No bairro da Liberdade, um autêntico bairro de lata habitado por trabalhadores que através da exploração a que são submetidos têm uma experiência vivida e terrível do tipo de «benefícios» que o fascismo oferece à classe

*Criança do nosso povo
o teu cravo
do 25 de Abril
o teu futuro
em liberdade
foram defendidos!*



Fascistas implicados nos últimos acontecimentos são conduzidos sob prisão